

Maternidades em trânsito: mulheres migrantes e os caminhos do cuidado, entre a doença e a esperança¹

Maria de los Milagros Camacho de la Cruz (PPGAS/UFG)²

Luciene de Oliveira Dias (PPGAS/UFG)³

Palavras Chaves: Migração; Maternidades; Doença; Caminhos do cuidado.

Introdução

O ponto de partida do presente texto é a trajetória de uma das autoras como mãe migrante. Ocupar o lugar de produção de conhecimento a partir do qual se tornam inteligíveis as experiências de outras mulheres mães que também vivenciaram processos migratórios atravessados pelas demandas de cuidado com filhos e filhas em função de uma doença que os acomete. Ao compartilhar condições semelhantes de deslocamento, maternidade e busca por assistência, emergem experiências que permitem refletir sobre os modos pelos quais o cuidado se converte em um elemento estruturante das trajetórias migratórias.

Então, como segunda travessia migratória, no caso o processo de saída do estado de Roraima por meio do Tratamento Fora de Domicílio (TFD), com destino à cidade de Brasília, bem como a experiência de acolhimento na Casa de Apoio Lar São José, constituiu um ponto de inflexão tanto no plano pessoal quanto no desenvolvimento do presente artigo. Em um contexto atravessado pela migração e pela busca de atendimento em saúde para nossos filhos, esse espaço representou muito mais do que um local de hospedagem temporária. Ali foram construídos vínculos, compartilhadas experiências e tecidas formas de apoio mútuo entre mulheres que dividiam preocupações, incertezas e responsabilidades relacionadas ao cuidado.

Dados estatísticos recentes da Organização Internacional para as Migrações (OIM) evidenciam o aumento de óbitos de mulheres e crianças nas zonas de fronteira mais perigosas no mundo e acionam a preocupação com as histórias que foram apagadas pela violência estrutural imperante nesses territórios. Por outro lado, tentamos visibilizar histórias de outras mulheres mães migrantes, por meio das narrativas apresentadas no presente artigo como uma

¹ Trabalho apresentado na 35ª Reunião Brasileira de Antropologia (Ano 2026).

² Doutoranda do PPGAS /UFG. “O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001”.

³ Professora Doutora, do PPGAS/UFG.

forma de trazer para a superfície do debate históricas que precisam ser contadas em contraposição ao apagamento produzido pelas fronteiras.

Envolvidas na dinâmica da Casa de Apoio Lar São José, dialogamos com Diana Taylor (2013) sobre arquivo e repertório, permitindo ampliar a compreensão das experiências abordadas nesta pesquisa. Para a autora, a memória não é preservada apenas por meio de documentos, fotografias ou registros institucionais, mas também através de práticas, gestos, narrativas e saberes transmitidos corporalmente na vida cotidiana. Essa distinção mostra-se particularmente significativa para pensar as experiências das mães migrantes, cujas trajetórias costumam ser registradas em prontuários médicos, documentos migratórios e fotografias familiares, mas também em formas de cuidado, estratégias de sobrevivência e conhecimentos compartilhados que circulam entre mulheres que enfrentam situações semelhantes.

Nesse sentido, os caminhos do cuidado podem ser compreendidos como um repertório de saberes construídos a partir da experiência. Neste vivido, as maternidades se configuram como prática de memória capaz de transmitir aprendizados, sustentar a esperança e produzir formas coletivas de resistência diante da doença dos filhos, da migração e das incertezas que atravessam o cotidiano dessas mães.

Resulta importante analisar como se dá o processo na construção de categorias como território e territorialidade dentro de um contexto de acolhimento. Tal perspectiva dialoga diretamente com o que Antônio Bispo dos Santos (2023) denomina como espaço de confluências, onde interagem dimensões imateriais. Abre-se também diálogo direto com Marc Augé (1994), incorporando o conceito de “não lugar”, que converte a Casa de Apoio Lar São José em um espaço que deixa de ser transitório e se converte em um lugar de acolhimento e bem-estar. Posteriormente, Le Breton (2016) contribui com as noções de sentidos, emoções e sensações, compreendendo os corpos das mães migrantes como um novo campo de estudo, sempre na interação das narrativas das mães migrantes, que tentam fazer atividades como a escrita de poemas que, por sua vez, dialogam diretamente com a Gloria Anzaldúa (2021) e seu posicionamento acerca da importância da escrita como ato libertador.

A compreensão da mobilidade como estratégia da existência aparece ao longo da escrita, sendo, então, interessante articular a reflexão com a proposta de Dias e Freire (2020) que, no artigo *Mulheres em movimento e expressões na construção do viver-Cerrado*, possibilitam o

estabelecimento de conexão entre a importância da mobilidade de mulheres “cerradeiras” e a própria continuidade a sua existência. Embora os contextos sejam desenvolvidos em espaços distintos, acionamos aqui a ideia de mobilidade como estratégia de vida para as mães que vivenciam a Casa de Apoio Lar São José.

Ao respeito das relações de gênero abordamos os conceitos propostos por Mara Viveros Vigoya (2018) que, por sua vez, traz como eixo central de suas reflexões os entrecruzamentos hierárquicos dos marcadores de classe, raça e gênero como elementos básicos para entender a sociedade. A ausência dos pais das crianças diagnosticadas e mobilizadas pelas mães da Casa de Apoio Lar São José evidencia que também aqui o gênero ainda está condicionado aos ditames da ordem patriarcal.

Como ponto final decidimos incorporar um diálogo que foca a teoria do Ailton Krenak (2022) sobre o sofrimento, no sentido de como ele pode devastar, adoecer, silenciar. Contudo, o sofrimento que emana da dor não produz conhecimento por si só, ou seja, o sofrimento é produzido a partir da forma como as pessoas elaboram essas experiências e, a partir delas, vão construindo sentidos para continuar vivendo. A partir das narrativas das mães migrantes já é possível afirmar – embora reconheçamos que esta pesquisa ainda está em andamento – que o sofrimento passa por um processo de desconstrução e resignificação aos moldes do que estabelece o pensador indígena.

Essas experiências também podem ser compreendidas a partir das reflexões de Elizabeth Maier (1997) sobre a maternidade coletiva. Ao analisar as ações desenvolvidas pelo coletivo das Mães da Praça de Maio, na Argentina, a autora demonstra como a maternidade pode ultrapassar os limites da esfera privada e constituir-se como uma prática compartilhada de acompanhamento, solidariedade e construção coletiva de sentidos.

Nessa perspectiva, as relações estabelecidas na Casa de Apoio Lar São José permitem pensar o cuidado como uma experiência produzida em rede, na qual as mães constroem formas de sustentar a vida para além dos limites da família nuclear. Assim, os caminhos do cuidado configuram-se também por meio de encontros, apoios mútuos e estratégias coletivas de enfrentamento das adversidades que atravessam a experiência migratória e a doença.

Corpos que se perderam no trajeto, histórias que precisam ser contadas

“Soy la que camina menstruando, pariendo, amamantando, cargando los hijos, perdiendo los hijos, huyendo de la violencia, del hambre, como árbol que busca el río.”⁴

Os trânsitos migratórios nos contextos de fronteira são atravessados por múltiplas formas de violência. O destaque aqui é para a violência de gênero que atinge especialmente as mães e as crianças trabalhadas no escopo do presente artigo. Elas enfrentam grandes desafios e necessidades de proteção diante da falta de acesso a serviços básicos, como alimentação, atenção médica e medidas de segurança. Tais acessos podem garantir integridade, direito ao livre trânsito e à vida.

Falar de migrações femininas tem gerado grande repercussão midiática, principalmente por causa do aumento de mortes de mulheres migrantes que cruzam zonas fronteiriças acompanhadas de crianças. De acordo com a monitoria regional para as Américas do Projeto Migrantes Desaparecidos, da Organização Internacional para as Migrações (OIM) - que pode ser acessado a partir do site <https://missingmigrants.iom.int/> - de 2014 até junho de 2026 um total de 1.449 mulheres foram mortas durante seu processo de trânsito migratório. O levantamento detalha que as maiores quantidades de óbitos ocorreram na fronteira do México com os Estados Unidos (179), Caribe (125), o Darien na rota marítima e terrestre (103) e na América do Sul (112)⁵.

Estes dados revelam a dimensão da violência que está presente nas rotas migratórias. Contudo, ainda deixam a desejar quando o tema são as vidas interrompidas nesses percursos. Muitos desses corpos permanecem sem serem identificados, suas trajetórias ainda são dissolvidas nas fronteiras, nos desertos, nos mares, nos rios e seus nomes desaparecem das narrativas oficiais. A fronteira descrita pela Gloria Anzaldúa (1987) se constitui a partir dos limites geográficos, mas configura-se também como espaços onde vidas são continuamente tensionadas entre a visibilidade e o apagamento.

Esta estatística reforça que os contextos de fronteira estão marcados por formas cotidianas de vulnerabilidade, a exemplo do que ocorre especialmente na fronteira entre Brasil e Venezuela. Neste espaço fronteiriço, muitas mulheres atravessam carregando não apenas a

⁴ Espaço Migrante, organização comunitária binacional, com sede na cidade de Tijuana (México), que trabalha com comunidades de migrantes com a finalidade de promover o acesso aos Direitos Humanos.

⁵ Tradução nossa. Artigo de Carolina Gómez Mena, publicado no jornal *La Jornada*, México, em 26 jun. 2026.

experiência do deslocamento, mas também marcas de incerteza, da separação familiar e a busca por atenção médica para um filho ou uma filha. São essas histórias que constituem a busca mobilizadas pelo presente artigo.

Entre o arquivo e o repertório

A maternidade migrante está envolvida por muitas camadas. Neste sentido, a distinção proposta por Diana Tylor (2013) entre o arquivo e o repertório permite compreender que a experiência de exercer a maternidade dentro de processos migratórios não se esgota nos registros institucionais ou na documentação para regularizar a sua situação migratória. Também os prontuários médicos e os protocolos de atendimento constituem importantes arquivos se considerada a trajetória das mães migrantes. Vale destacar que o repertório é constituído por tudo aquilo que é transmitido pelos corpos, pelas performances, pela memória incorporada e pelas práticas cotidianas.

Na Casa de Apoio Lar São José, ambos os elementos estão presentes assim como também a solidariedade daquela mãe que já tem certo caminho andado e experiência em relação ao acompanhamento médico, o que permite que possa orientar a aquelas mães que estão recém chegando e não sabem como se organizar com a documentação certa. Dentro da dinâmica da convivência na Casa, as narrativas das mães migrantes envolvem um vasto repertório, que reconfigura o seu papel de mãe, como o caso de Yajaira:

Yo soy buena pa' la cocina, nunca hice un curso superior pero me gusta mucho la cocina, mi mamá decía: que es importante saber cocinar pa' defenderse en la vida (risas). Yo siempre quise tener mi restaurante chama, pero es mucha plata, ahora menos ni pensarlo con mi chamito enfermito, bueno... Dios que sabe de todas las cosas yo tengo mucha fé. Ahora aquí en la casa abrigo tengo la oportunidad de cocinar para todas nosotras, con mucho amor, siempre bailando una buena salsa, pa' que la comida quede más sabrosa, fino... Siempre le digo a la seño que hace el cuadro de las actividades que me ponga en la cocina, es mi pasión.⁶

A fala da Yajaira é interpretada como o repertório que vai muito além de realizar uma tarefa doméstica. Trata-se da representação de um conhecimento transmitido pelo corpo, pelos gestos, pela música que acompanha a interlocutora em sua performance. Esse espaço da cozinha se transforma e atualiza a sua história a sua identidade. Em diálogo com a Diana Tylor (2013),

⁶ Yajaira, es uma mãe migrante Venezuelana da Casa de Apoio Lar São José, que tem um filho com uma doença dermatológica

esse conhecimento não se restringe aos registros escritos, assim também o fato de cozinhar para todas passa a ser parte de um cuidado coletivo.

Na construção dos caminhos do cuidado

As trajetórias migrantes de mães no processo de deslocamento para este outro lugar de destino, que se converte no território físico que é a Casa de Apoio Lar São José, são materializadas no que aqui é proposto como caminhos do cuidado. Por meio das relações resultantes da convivência, se constrói um tipo de territorialidade que extrapola o espaço geográfico e encontra sintonia com o que estabelece Antônio Bispo dos Santos (2023) quanto apresenta as confluências que, para o caso específico do abrigo, junta cada história enquanto representante das dimensões imateriais, como identidade, cultura e espiritualidade.

Em um outro sentido Marc Augé (1994) pode compreender a Casa de Apoio Lar São José como um espaço de transitoriedade, a experiência de convivência das mães migrantes logrou transformá-la num território de cuidado, solidariedade e esperança de reconstrução de projetos de vida. Diante do exposto, podemos dizer que o abrigo deixa de ser “não lugar”, para se converter num espaço socialmente produzido pelas práticas cotidianas das mães, como a fala de uma mãe migrante venezuelana transita entre Brasília e Roraima há mais de quatro anos para garantir que seu filho receba tratamento médico.

Estar en la casa abrigo es estar como en casa, siempre fuimos acogidos con mucho cariño, Jorge llegó con solo dos añitos, aquí todos acompañaron sus operaciones, terapias, mis llantos. Me siento muy tranquila cada vez que llego aquí, todos somos como una familia, nos ayudamos en todo lo que podemos, mi esposo y mis otras dos hijas mayores saben que estamos en un lugar seguro y se quedan tranquilos, además Jorge se siente como en su casa, fue aquí que aprendió a caminar con la prótesis de su pierna derecha, las mamás de aquel tiempo me dieron mucha fuerza e me motivaron a no desistir y a seguir firme [...]

Um outro aspecto que foi se moldando ao longo do processo de convivência na Casa de Apoio Lar São José refere-se aos nossos sentidos que desempenham um papel essencial na percepção do mundo e na construção de identidade. Como sustenta Le Breton (2016), fazendo uma dura crítica à ciência que tem uma visão reduzida, sentir e viver estão interligados. Isso porque o cotidiano se reflete no aprendizado por meio da compreensão de si e de tudo que circunda as construções de si, complexificando os processos de alteridade.

A título de exemplo, uma mãe da Casa de Apoio Lar São José, que preferiu não ter seu nome divulgado nesta pesquisa, gostava de escrever durante espaços livres nos intervalos em

que seu filho dormia. Foi nestes intervalos que ela escreveu um poema sobre o tempo que dialoga diretamente com aquela interação sensorial.

Tiempo, quiero imaginar que no existes, quiero detener los relojes, los calendarios, quiero sentir la brisa del mar nuevamente agitando mis cabellos, cierro los ojos y solo quiero imaginar que estoy con mi familia, sintiendo el olor de la comida de mamá, quiero imaginar que escucho risas, risas de alegría de niños que juegan en el jardín, quiero ver a mi niño correr, quiero verlo saltar, quiero verlo vivir [...] Tiempo ya no sé más quien eres, no sé si son dos, tres o más meses que estamos lejos de todo y de todos, ya no quiero pensar, solo quiero soñar, porque solo así puedo escoger lo que deseo vivir.

O poema expressa como os sentidos convergem entre si, na busca por trazer memórias afetivas que tentem dissipar um pouco a dor e o sofrimento como produto da doença de um filho. A mãe migrante autora estabelece um diálogo com o tempo através dos sentidos, tempo que tem atravessado fronteiras geográficas, e tempo não limitado aos dias na Casa de Apoio Lar São José, mas marcado também pela experiência da espera, da incerteza e da esperança.

Assim, é importante dialogar novamente com Gloria Anzaldúa (2021). Esta pensadora compreende a escrita como uma prática da existência, principalmente para compreender que o poema da mãe não deve ser lido apenas como um desabafo, mas como aquela ferramenta que usa para organizar a sua experiência com o tempo. O tempo buscado pela escrita da mãe migrante rompe com o silêncio produzido pela dor.

Porque que sou levada a escrever, porque a escrita me salva dessa complacência que temo. Porque não tenho escolha. Porque preciso manter vivos o espírito de minha revolta e a mim mesma. Porque o mundo que crio na escrita compensa aquilo que o mundo real não me dá. Ao escrever, eu organizo o mundo, ponho nele uma alça em que posso me segurar (Anzaldúa, 2021, p. 52).

A escrita ganha, assim, um lugar de criação de si, especialmente para quem vive em contextos de fronteira.

Mobilidade como estratégia de existência

Importante destacar que nem todas as mobilidades femininas, nem todas as experiências vivenciadas pelas mães migrantes, são iguais. Em muitos casos, contudo, as travessias de mães migrantes constituem estratégia de produção da vida, do cuidado e da existência. A intenção, ao final da pesquisa que ora está em desenvolvimento, é evidenciar as especificidades destas travessias.

Estabelecemos aqui um diálogo com o artigo de Dias e Freire (2020)⁷, que mostra as mulheres do Cerrado brasileiro que não aparecem apenas como sujeitos que circulam pelo território, mas vão além e constroem formas de viver, produzir e resistir. Estes movimentos são expressos através de seus deslocamentos e de sua relação intrínseca com o espaço e a terra que gera vida. Neste sentido, o movimento é parte da constituição de suas existências.

No contexto da maternidade migrante desenvolvida no presente artigo, a mobilidade é marcada pelo deslocamento internacional como produto da doença, a procura de tratamento e o cuidado com filhos e filhas. Tudo amparado pela esperança na reconstrução da vida e reorientando o sentido da mobilidade geográfica como uma condição existencial.

A pesar de estar inseridas em contextos distintos, tanto as mulheres do Cerrado brasileiro quanto as mães migrantes da Casa de Apoio Lar São José compartilham uma dimensão comum representada pelo movimento não apenas como um processo de deslocamento no espaço, mas também como prática na produção de vida, articulando cuidado, sobrevivência, pertencimento e a construção de futuros possíveis para existir.

É importante ainda trazer Mara Viveros Vigoya (2018), que consegue fazer uma abordagem epistemológica não apenas das masculinidades, mas de como elas são produzidas nas interseções entre os marcadores sociais de gênero, raça, classe e contextos históricos. Esta pensadora nos provoca a fazer a pergunta de como os homens são posicionados socialmente e de como as construções de gênero organizam o cuidado e a reprodução da vida.

Desde esta perspectiva de análise da autora, uma questão que emerge é que muitas das mães migrantes são mães solo, assumindo integralmente o cuidado do filho ou da filha doente. Para além do abandono paterno, são muitos os relatos de que os pais das crianças doentes decidiram se isentar dos cuidados com os filhos doentes, o que reorganiza os papéis de gênero. Em muitos casos, os pais ficam em seus países de origem cuidando dos demais filhos fortalecendo a narrativa de que as condições socioeconômicas dificultam ou impedem a permanência da estrutura familiar. Este fator tem como consequência um trabalho de cuidados intensivos que recaem exclusivamente sobre as mães.

⁷ “As cerradeiras se constituem em espacialidades múltiplas e abertas, pois nos dizem de uma simultaneidade de histórias construídas e por construir” (Dias e Freire 2020, p. 13).

Asakura (2014) fala sobre a “mala cultural” que as mulheres migrantes levam onde quer que vão. Além de assumir uma maternidade intensiva com o filho ou filha doente em terras distantes, esta mãe ainda mantém foco e preocupação com a prole distante. Essa jornada duplamente impactante desencadeia comportamentos expressamente exaustivos e direcionam os comportamentos das mães da Casa de Apoio Lar São José que buscamos etnografar na presente pesquisa.

Nos processos migratórios, a maternidade à distância reúne um conjunto de práticas que se ativam e vão se mantendo em pontos geográficos distintos. Esta situação evidencia diferentes maneiras de fazer uma transferência completa das suas emoções (Hernandez Cordero, 2014) gerando mães carregadas de culpa e tendo que lidar com cuidados imersivos. Essas experiências revelam novas formas de exercer a responsabilidade materna, como a transmissão de afeto à distância (Hondagneu-Sotelo; Ávila, 1997).

O sentimento de culpa também surge pelo sentimento de não cumprimento, total ou parcial, do papel socialmente imposto à mulher que se torna mãe. Vem para a superfície das relações uma distribuição profundamente desigual nas responsabilidades do cuidado, o que gera, por sua vez, sentimentos negativos, como a frustração, a raiva, o desespero e a angústia, que são reforçados por cobranças que emanam dos espaços privados e públicos diante das relações sociais estabelecidas. Família e sociedade externa acentuam culpa e sobrecarga.

A distância emocional também é um dos elementos presentes neste processo da maternidade migrante. Muitas manifestam o medo do estranhamento dos próprios filhos diante de um possível reencontro no futuro.

Cuando pregunté: ¿Has pensado traer a tus hijos para Brasil? Respondió: Sí he pensado traer al mayor de mis chamos⁸ yo le he dicho [...] bueno en ese momento podía traerlo y le dije “Papi, te voy a enviar un dinerito para que vengas a aquí conmigo y con tu hermanita Cristal, aquí puedes conseguir un trabajo y me ayudas”. Me dijo: No mamá yo no quiero ir a Brasil, aquí estamos bien estoy trabajando con mi papá en el taller y tengo que cuidar a mis hermanos, ellos no pueden quedarse solos. Yo le respondí: “Tú ya estas grande y tomas tus propias decisiones, pero después no me digas que no intenté ayudarte” (lágrimas) (Rocío).⁹

O sentimento de culpa aparece gerado pela ausência forçada. Mães migrantes manifestam o sentimento de que abandonaram os outros filhos para cuidar de apenas um, no

⁸ Chamo (a) - adjetivo usado na Venezuela para se referir aos meninos (as).

⁹ Rocío, mãe venezuelana da Casa de Apoio, ela deixou os três filhos na Venezuela com o pai deles, chegou ao Brasil com a filha caçula Cristal (7 anos), ela nasceu com paralisia cerebral. Rocío estava à procura do tratamento com o ortopedista para que a motricidade da menina melhore.

caso o que migra junto com a mãe na busca por tratamento médico em terras distantes. O diagnóstico da doença de um filho acrescenta a culpa.

No debí haberme embarazado, ya tengo dos hijos que déje en Venezuela, salí de mi país para trabajar duro y poder mandarles un dinerito y llegó este tercer chamito, con problemas de hidrocefalia, ahora solo Dios sabe que será de nosotros, sufro mucho porque mis dos hijos están muy lejos (Sujeydis).¹⁰

Pensando a partir do proposto por Mara Viveros Vigoya (2018), é possível afirmar que a ausência paterna das crianças doentes não deve ser interpretada apenas como uma decisão individual do pai. Esta decisão, enquanto expressão de relações de gênero, resulta de uma estruturação que estabelece quem cuida, quem migra e quem permanece. No mesmo sentido, as desigualdades socioeconômicas e as condições concretas que atravessam as experiências migratórias consideram o cuidado como uma ação feminizada. Mães migrantes reforçam, assim, o princípio patriarcal da feminização do cuidado tornando visíveis desigualdades que muitas vezes permanecem naturalizadas.

A categoria do cuidado tem um papel transcendental no contexto da maternidade em trânsito. Para Veena Das (2007), o cuidado é construído no cotidiano, nos pequenos gestos que fazem com que a vida se torne novamente habitável depois de ter sido atravessada pela violência, doença o sofrimento. No cotidiano da Casa de Apoio Lar São José, o cuidado emerge como resultado de cada uma das práticas exercidas pelas mães, a exemplo de cozinhar, escrever, compartilhar alimentos, acolher uma outra mãe. As mães migrantes não enfrentam a doença dos filhos apenas pelos serviços de saúde pública, elas sustentam a vida através de práticas cotidianas de cuidado recriando vínculos, memórias e esperanças.

Esperança e continuidade da vida

As narrativas das mães da Casa de Apoio Lar São José carregam muito sofrimento. Nesse sentido achamos pertinente estabelecer um diálogo com Ailton Krenak (2022) que questiona a ideia de que o sofrimento possui um caráter pedagógico no sentido de ensinar. Ele considera que a dor não ensina por si mesma e que tampouco é uma experiência que deva ser romantizada. Partindo dessa reflexão, a maternidade migrante não produz conhecimento como

¹⁰ Sujeydis, é uma outra mãe migrante da Venezuela, moradora de abrigo em Boa Vista, Roraima. Conheci ela, na Casa de Apoio Lar de São Jose. É mãe do Miguel, uma criança de oito meses que nasceu com hidrocefalia. Ela estava aguardando por um procedimento para o seu filho no Hospital da Criança de Brasília (HCB). É mãe solo, o pai do seu filho abandonou-os quando soube que ela estava grávida. Ele não é o pai dos outros dois filhos que estão na Venezuela com a avó materna.

produto da migração, da doença dos filhos ou pelas condições de precariedade enfrentadas. O que é importante resgatar são as formas pelas quais se elabora o sofrimento por meio da construção de redes de apoio e cuidado, reinventando no cotidiano diversas estratégias para sustentar a vida como se conforma na dinâmica da convivência na Casa.

É importante esclarecer que não se pretende apagar o sofrimento e a dor de cada uma das mães migrantes que tem manifestado nas suas narrativas. Pelo contrário, estamos enxergando como dentro desse contexto a esperança tem sido possível continuar vivendo apesar da dor, esperança que tem se fortalecido por meio dos cuidados coletivos.

A construção coletiva da forma de maternar dentro da Casa de Apoio Lar São José constitui uma passagem da doença para esperança, como uma subsistência vivida simultaneamente na transformação da dor em ação coletiva, criando formas de solidariedade, aproximando mulheres que antes não se conheciam.

A construção de redes de apoio dentro dos processos migratórios das mães trabalha de mãos dadas com a construção de uma maternidade coletiva. De acordo com Elizabeht Maier (1997)¹¹, a maternidade deixa de ser entendida apenas como uma condição privada e passa a constituir um lugar de ação de produção política e de construção coletiva. Trazendo o exemplo das “Mães da Praça de Maio”¹², ela destaca que as mães compartilhavam a dor individual como a força para procurar os filhos desaparecidos. “*Teu filho é como se fosse o meu*”. É ali que se constrói a expressão “*mãe coletiva*” e a define como um novo personagem social que não só vigia o cumprimento dos direitos dos seus filhos, mas também para a sociedade inteira.

Embora sejam duas realidades inseridas em contextos diferentes, a reflexão trazida por Meier (1997) permite fazer uma análise para compreender que a maternidade pode ultrapassar o âmbito doméstico e constituir uma prática coletiva. Sendo que no caso das Mães da Praça de Maio, o fato de lutar pela busca dos filhos desaparecidos por causa da ditadura militar na Argentina, transformou a maternidade numa ação política que ultrapassou fronteiras.

¹¹ Autora da tese: Los mitos de la maternidad: El caso de las madres de los desaparecidos, defendida em 1997 na Universidade Autónoma de México. Logo desenvolveu essa pesquisa no livro: *Las madres de los desaparecidos. Un nuevo mito materno en América Latina*.

¹² “Mães da praça de maio” é um coletivo Argentina de mães que tiveram seus filhos assassinados ou desaparecidos durante o terrorismo de Estado da ditadura militar, que governou o país entre 1976 e 1983.

Na Casa de Apoio Lar São José a migração como produto da doença de um filho favorece a construção de redes de cuidado entre mulheres que compartilham a experiência de lutar pela qualidade de vida de seus filhos.

Ao longo da pesquisa as narrativas das mães permitiram compreender que a maternidade migrante não pode ser reduzida à vulnerabilidade, considerando que as experiências vividas pelas mães na Casa de Apoio Lar São José, mesmo marcadas pela doença dos filhos, a incerteza e a distância do país de origem constroem no cotidiano práticas de cuidado sem negar a dor.

Considerações

Como mãe migrante que vivencia o cuidado de um filho em tratamento de saúde, há o reconhecimento de que nossas experiências compartilham atravessamentos marcados pelo deslocamento, pelo sofrimento, pela incerteza e pela permanente reconstrução da vida. Essa proximidade não anulou a reflexividade antropológica, pelo contrário tornou evidente que o conhecimento produzido neste trabalho acadêmico emerge do encontro de histórias de mães migrantes, que se cruzam nos caminhos da complexa travessia migratória.

Neste sentido, o trabalho etnográfico desenvolvido no presente artigo é um exercício de restituição de humanidade ao reconhecer que por trás dos dados estatísticos existem mães que nos diversos contextos de fronteira, caminham, engravidam, parem filhos, perdem filhos, amamentam, recebem diagnósticos de doenças, cuidam, resistem e reconstroem histórias que insistem em não desaparecer.

As narrativas das mães acionadas a partir da Casa de Apoio Lar São José definem que a maternidade migrante carrega elementos que extrapolam o papel de “ser mãe”, indo muito além. Ser mãe em trânsito, ser mãe em um abrigo, ser mãe encarando o diagnóstico de uma doença, ser mãe no luto da perda de um filho, ser mãe longe da rede familiar, ser mãe aprendendo a cuidar em outro país e em outra língua, é protagonizar uma reorganização profunda do significado da maternidade como produto da migração.

Neste sentido, um abrigo ou uma casa de apoio não é apenas um espaço de passagem. Este espaço se constrói por meio das relações sociais, se constitui enquanto lugar de pertencimento. Não há romantização do sofrimento. O contrário é o que se observa, a Casa se torna fonte de motivação para seguir existindo ao passo que é construída pelas mães migrantes

que movimentam seu cotidiano. Dessa forma, incorporar a maternidade migrante na categoria da “feminização das migrações” é importante para designar as mudanças que envolvem estas mães nos processos migratórios diante de uma realidade direcionada pela doença de um filho.

Referências

AUGÉ, Marc. *Não lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP, Papirus, 1994.

ANZALDÚA, Gloria. *Borderlands/La Fronter: the new mestiz*. San Francisco: Aunt Lute Book, 1997.

ANZALDÚA, Gloria Evangelina. *A Vulva é uma Ferida Aberta e Outros Ensaio*s. Tradução Tatiana Nascimento. Rio de Janeiro: A Bolha Editora, 2021.

ASAKURA, Hiroko. *Salir adelante: Experiencias emocionales de la maternidad a distancia*. Ciudad de México: Centro de Investigaciones y Estudios Superiores en Antropología (CIESAS), 2014.

DAS, Veena. *Life and Words: Violence and the Descent into the Ordinary*. Berkeley: University of California Press, 2007.

DIAS, Luciene de Oliveira; FREIRE, Ralyanara Moreira. Mulheres em movimento e expressões na construção do viver-Cerrado. *Élisée: Revista de Geografia da UFG*, Anápolis, v. 9, n. 2, e922014, jul. /dez.2020.

GÓMEZ MENA, Carolina. Han muerto mil 449 mujeres migrantes en 12 años: OIM. *La Jornada*, Ciudad de México, 26 jun. 2026. Disponível em: <https://www.jornada.com.mx/noticia/2026/06/26/sociedad/desde-2014-murieron-mil-449-mujeres-de-las-americas-mientras-migraban-oim>. Acesso em: junho. 2026.

HERNÁNDEZ CORDERO, Ana Lucía. El Rostro de la Maternidad Migrante. La fotografía como herramienta etnográfica en el estudio de las migraciones femeninas. *Ankulegi: Revista de Antropología Social*, San Sebastian, n. 18, p 97 -110, España 2014.

HONDAGNEU-SOTELO, Pierrete; AVILA, Ernestine. “I’m here, but I’m there”: the meanings of Latina Transnational Motherhood. *Gender and Society*, Thousand Oaks, v. 11, n. 5, p. 548-571, out. 1997.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. São Paulo: Cia das Letras, 2022.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. Petrópolis: Vozes, 2016.

MAIER, Elizabeth. *Los mitos de la maternidad: el caso de las madres de los desaparecidos*. 1997. Tese (Doutorado) – Universidade Nacional Autónoma de México, Ciudad de México 1997.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/Piseagrama, 2023.

TAYLOR, Diana. *O arquivo e o repertório: performance e memória cultural nas Américas*. Tradução de Eliana Lourenço de Lima Reis. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

VIVEROS VIGOYA, Mara. *As cores da masculinidade: experiências interseccionais e práticas de poder na Nossa América*. Tradução Alysson de Andrade Perez. Rio de Janeiro: Papéis Selvagens, 2018.